O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º Sábado, 17 de Maio de 1941 **N.º 1681**

VISADO PELA CENSURA

Amizade ibero-americana

A quando da passagem em Lisboa do novo Ministro dos Estrangeiros da Argentina que o Govêrno Português, num gesto de merecida cortezia, recebeu como seu hóspede de honra, proferiu o sr. Presidente do Conselho um discurso que justifica especial anotação, pela sua oportunidade e pelas notáveis afirmações nele produzidas.

Acentua-se nêsse discurso a identidade de sentimentos que nos unem aos países da América Latina, a solidariedade de interêsses materiais, a comunhão de tradições de ideais que formam o património opulento de uma civilização comum e imortal.

Se as relações entre os povos obedecem, em grande parte, a imperativos de ordem geográfica, parece evidente que a nossa posição atlântica comanda a política exposta com tão nobre elevação pelo sr. Dr. Oliveira Salazar, a qual corresponde também a laços morais que resultam de um mesmo conceito de vida, de afinidades de princípios que vêm do fundo da história e cujos cimentos espirituais nada pode destruir.

Separados pelo mar e vivendo cada um a sua vida própria, Portugal e os países sul-americanos alimentam-se da mesma substância moral e estão assim ligados por vínculos que no passado se traduziram numa acção que deu ao Mundo os mais belos padrões da sua actividade criadora e que, projectando-se sôbre o futuro, hão-de preservar o conjunto de aquisições que os séculos nos legaram e que constituem o orgulho da humanidade.

É esta a ideia que o sr. Dr. Oliveira Salazar exprime com a beleza literária que é privilégio do seu alto espírito, na seguinte passagem do seu expressivo discurso:

«Em maior ou menor grau — no passado pelas recordações gloriosas que êle evoca, no presente por múltiplos interêsses comuns e por igual labor pacífico e fecundo, no futuro por idênticas aspirações — há para nós todos e entre nós todos, as duas nações da Península Hispânica e as nações da América Latina, um património que é pertença comum, um fundo de tradições, de crenças, de ideais e laços de espírito que os séculos não rompem, correntes de simpatia e amisade que divergências transitórias não atingem na sua mais profunda essência».

Na hora dramática em que os povos parecem procurar sôbretudo as razões que os afastam e as paixões e antagonismos que os dividem, reveste-se de nobre significado, esta afirmação de solidariedade e de afecto entre nações que, unidas pela Raça e pelo Espírito, prosseguem fraternalmente a realização dos mesmos destinos.

Refúgios do espírito

Sôbre a nossa Prehistória

A visita do professor Henry Breuil ao Vale do Certima

pelo Dr. Alberto Souto

Durante a sua recente estadia em Coimbra, onde veio fazer três conferências sôbre a arte prehistórica das cavernas e dos dolmens, o eminente professor francês M. l'Abbé Henry Breuil, visitou o Vale do Certima onde foi acompanhado pelo director do Museu Machado de Castro e professor da Faculdade de Letras, o meu excelente amigo sr. dr. Vergílio Correia.

Entendeu êste meu ilustre colega que, vindo às terras do distrito de Aveiro o sábio professor do Colégio de França, em sua companhia, e fazendo uma excursão de estudo e pesquiza dos vestígios do homem fossil nas imediações de Mealhada, me seria agradável acompanhar os seus trabalhos e ouvir a sua autorizada palavra sôbre o problema geológico e paleontológico de que há tempos falei na Sociedade de Antropologia e Etnologia, do Porto, e nas colunas do *Arquivo do Distrito de Aveiro.*

Foi, pois, por via da amabilidade do sr. dr. Vergílio Correia, também prestigioso director do *Diário de Coimbra*, que um aveirense teve o prazer e a honra de colaborar na excursão científica do sábio prehistoriador francês às aluviões quaternárias do Vale do Certima, aluviões essas que adquiriram celebridade no século passado com os trabalhos dos grandes geologos que se chamaram Carlos Ribeiro e Nery Delgado.

O rev.º Breuil é um sábio de reputação mundial e a sua vinda, em visita de observação e estudo, ao querido concelho que contacta o distrito de Aveiro com o de Coimbra na histórica e pitoresca região de entre Bussaco e Curia, representa um acontecimento digno de registo e que na imprensa local não podia deixar de ser por mim assinalado.

* * *

Entre o Mondego, a juzante de Coimbra, e o Vouga, a montante, da sua foz interior, existe um vale extenso e sensivelmente recto para o qual de há muito se dirigem as minhas atenções pela importância que lhe atribuo na orientação anormal do baixo Vouga.

E' a depressão que eu denominei Vale do Certima, por onde, realmente, corre esta ribeira afluente do Vouga e que se apresenta hoje tão minguada de águas que parece incrível ter produzido em tempos remotos tão importantes efeitos como os que a sua topografia nos revela.

Tão impressionantes são êsses efeitos — o desvio do curso do Vouga de sudoeste para noroeste, a escavação de um vale de 50 quilómetros tão regular de traçado e margens que semelha um canal artificial — que eu chego já a pôr e admitir a hipótese, em verdade ousada, de por ali terem corrido, alguma vez, as águas fartas, mas relativamente calmas, do Mondego, antes de romperem o dique de Lares que as represaria entre a serra de Montemor e as elevações de Soure.

O que é facto, é que neste vale e nas imediações da Mealhada foram descobertos pelos geólogos do século passado — que souberam conquistar para Portugal uma imperecível glória científica — vestígios inegáveis do homem primitivo, contemporâneo de uma fauna de clima quente entre a qual avultava um elefante desaparecido que hoje se denomina o *Elephas Antiquus.*

A era da história da terra em que viveu êsse homem selvagem nas visinhanças da Mealhada, chama-se o *Quaterndrio*, por se distinguirem antes dessa era, três outras grandes eras, em duas das quais, a Primária e Secundária, não há vestígios do homem, (1) que é um animal bastante novo à superfície do globo, pois deve contar apenas uns 100.000 a 500.000 anos, enquanto que as quatro eras em conjunto podem ter durado. talvez, segundo opiniões competentes, uns cem milhões de anos.

Ora no *Quaterndrio* antigo, ou *Pleistoceno*, surge o homem na Europa, tiritando, miserável, nos períodos glaciares ou gozando os prazeres da caça abundante nos intervalos das grandes glaciações.

Esse homem, hoje fossil, é o *homem paleolítico*, e assim se denomina porque talhava em pedra tosca, quási sempre em meros calhaus informes, fornecidos pelas cascalheiras dos rios, e em nodulos de silex, os seus primeiros instrumentos, os mais antigos instrumentos de autenticidade incontestada.

E' o homem da *pedra lascada*, da mais antiga fase desta indústria da pedra que o engenho humano, produto de um cérebro progressivo auxiliado pelas mãos hábeis, de tal forma havia de aperfeiçoar que conseguiu fazer dela machados polidos, nos *tempos neolíticos*, ou *idade da pedra polida*, e, no nosso tempo, maravilhas de arte como a Venus de Milo, o Apolo de Belvedere, o Desterrado, de Soares dos Reis, o Cain, de Teixeira Lopes, as catedrais góticas, o monumento da Batalha...

Pois nos arredores da Mealhada viveu êsse *homem paleolítico* que das quartzites que encontrava nos terraços aluvionares dos rios e nas cascalheiras da região, fazia picos, utensílios e armas que ainda hoje se reconhecem, documentando a *Prehistória*, resistindo ao tempo e atravessando os milénios.

* * *

Esses documentos e recordações do nosso remotíssimo antepassado que viveu — talvez há 100.000 anos — nos recantos da Bairrada que confinam com o hoje bem pequenino, mas tão poético, leito do rio Certima, recolhidos no século passado pelos nossos grandes mestres da ciência da terra e do homem primitivo, encontram-se em Lisboa no Museu dos Serviços Geológicos, Edifício da Academia de Ciências.

Os restos vegetais e animais que os acompanhavam nas profundezas das aluviões, fôram objecto de estudo de ilustres naturalistas como Harlé e Girard.

E o nome da Mealhada ilustrou-se nos anais da nossa ciência prehistórica...

Anos volveram. A extracção de pedra para um fôrno de cal na Furjaca, a sul da Pampilhosa, revelou ao meu amigo e nosso patrício sr. professor Firmino Costa, a existência de ossos fossilizados, achado que comunicou ao sr. dr. Mendes Correia.

Na impossibilidade de o ilustre professor portuense e nosso sábio mestre, visitar a estação (assim se chama o local onde se fazem quaisquer achados desta natureza) foi ali o falecido arqueólogo e engenheiro dr. Rui de Serpa Pinto, que nada encontrou de notável.

Mais sorte tive eu nas minhas pesquizas, pois recolhi brecha óssea, em que se misturam restos de variados animais, que o homem paleolítico certamente utilizava para a sua alimentação na caverna em que ali vivia, uma lasca de silex e um instrumento de quartzite em forma de fôlha de hera.

Estes restos, segundo a classificação agora feita pelo professor Henry Breuil, pertencem aos *tempos musterienses*, posteriores aos *tempos chelenses* em que o homem talhava as suas armas e utensílios por forma mais grosseira e rudimentar.

O rev.º Breuil, bem como o sr. dr. Vergílio Correia e o professor auxiliar da Faculdade de Letras de Coimbra sr. dr. Orlando Ribeiro, acharam e recolheram muitos outros instrumentos do tipo chelense, sendo notável um belíssimo *coup de poing* encontrado pelo sr. dr. Vergílio Correia junto da ponte da estrada para Cantanhede.

A visita altamente honrosa do sr. professor Henry Breuil — o venerando prehistoriador de universal renome — veio, assim, confirmar, ampliar e pôr de novo em foco a importancia do Vale do Certima na história da nossa Prehistória.

(1) Se bem que muito provável, não está provada, ainda, a existência do homem no Terciário.

Intangibilidade do Império

Uma nota oficiosa do Presidente do Conselho recentemente publicada traduz a clara e saüdável demonstração da intransigência com que estamos dispostos a defender a *coesão e firme unidade nacional.*

Para os que julgarem dispostos a sofrer, sem protesto, os dislates inventados por irresponsáveis àcêrca da nossa posição no actual conflito mundial, Salazar, na sua nota sóbria e firme, dá-lhes a resposta devida, ao escrever que o Govêrno declara o seguinte:

«1.º – Não lhe foi até ao presente feito nenhum pedido ou sugestão relativamente à eventual utilização de quaisquer portos ou bases das costas ou ilhas portuguesas por qualquer dos beligerantes contra o outro ou por terceiros Estados;

2.º — O Govêrno tem-se ocupado da defesa dos três arquipélagos do Atlântico, reforçando os meios existentes, como afirmação da sua soberania, mas em termos de poderem resistir a algum ataque de que porventura sejam objecto, embora o não espere».

Palavras fortes que traduzem, com a verdade e a independência que são timbre da nossa política, a vontade de tôda a nação, a firme atitude do Império.

A rega das ruas

Têm sido deficientes, pois há ruas de movimento que estão constantemente envoltas em densas nuvens de poeira.

Ao encarregado do serviço pedem-se providências.

Combate à deslealdade

Tendo entrado em vigor o Regulamento do Comércio dos Medicamentos Especializados, acha-se, ipso-facto, pribida a venda dêsses medicamentos **por preços diferentes dos fixados**, assim como às drogarias é vedado vende-los ao público, a não ser os autorizados por lei.

As infracções, segundo o despacho do sr. Ministro da Economia, serão punidas severamente.

Sempre estamos para ver o que daqui resulta...

Quem acode à «pequena Imprensa»?

Bernardo Silva, director da *Aurora do Lima*, que há 86 anos se publica na cidade amiga de Viana do Castelo, lança um novo *S. O. S.* aflitivo pelas dificuldades que dia a dia impendem sôbre os jornais de província devido à carestia de tudo quanto é necessário à sua confecção, a principiar no papel. Mas do que vale se ninguém ouve, encontrando-nos completamente abandonados?

Ao tempo que se chegou! E', talvez, a maior crise atravessada pelas artes gráficas e pela imprensa regional.

Não cuspir no chão.

Confraternizando

Esteve no domingo em Aveiro um grupo de 60 alunos do extinto Colégio de S. Lázaro, do Porto, pessoas todas categorizadas e já duma certa idade. A destacar o sr. Reitor da Universidade. Foi esta a nona reünião que efectuam, tendo almoçado no *Arcada-Hotel*, que lhes serviu uma apreciável ementa. Houve amistosos e interessantes brindes, alguns cheios de humorismo e de saüdade, retirando, à noite, cheios de satisfação por as horas aqui passadas.

O pessoal do *Arcada-Hotel*, cujo serviço o grupo elogiou, recebeu uma gratificação de 500$00, constando-nos que igual quantia foi entregue no Paço Episcopal pelo sr. comendador Pimenta da Fonseca.

O TEMPO

Parece que arribou. Pelo menos há indícios disso porque a Primavera mostrou-se... salvo seja... Quer dizer: tivemos dias lindos e com temperatura de dispensar os agasalhos pesados.

Oxalá continuem.

Exposição artística

Só ontem à noite foi inaugurada nos baixos da casa do sr. Alfredo Esteves a exposição de trabalhos artísticos executados por Manuel Tavares, Amílcar Torres e Pompílio Souto, à qual nos referimos no próximo número.

Durante alguns dias poderá o público visitá-la.

E' completo...

O *padre veneno*, que reapareceu, crê que 50 % dos males que afligem a humanidade provem do triunfo dos hipócritas sôbre as pessoas de bem. E acrescenta: «Ai! do homem que tem por *amigo* ou por *admirador* um hipócrita. Está perdido, porque o hipócrita tem o *sadismo espiritual* da maldade.»

O' padre veneno: quem não te conhecer que te compre e saberá a prenda que leva...

Cartas a uma amiga de longe

Maio, 1941

Minha querida:

A arte está em perigo!

Os aviões, nos seus *raids* destruidores, não fazem mal sòmente às pobres criaturas humanas, envenenando-as, matando-as, destruindo-lhes as suas moradias. Os estragos que ocasionam, estendem-se, também às obras de arte, que ficam arrazadas, deixando-nos a todos a saüdade da beleza arquitectural.

A arte moderna, de linhas direitas e simples, mas falhas de graça, faz casas talvez, muito cómodas, edifícios enormes, monumentos grandiosos, igrejas confortáveis, mas esta arquitectura moderna, tão leve que parece ir pelos ares a um sôpro mais forte da brisa, nunca substituïrá as belezas ideais da arte gótica ou da Renascença.

Esses monumentos de pedra, admiráveis, que os antigos construiram para a posteridade e para existirem eternamente, estão agora, com a aviação, grandemente ameaçados.

E' ver como a Abadia de Westminster, que está ìntimamente ligado às glórias de Inglaterra, não foi poupada às bombas dos inimigos. As suas naves de espiritual elevação, as suas pedras magníficas, que têm assistido ao desenrolar de séculos e séculos de história, estão ameaçados, sujeitos à fúria dum aviador brutal, que lhes continue a lançar dos céus, a que ela sempre ergueu hinos de louvores, quilos e quilos de bombas, que a destruïrão totalmente.

Esta guerra, que se desenrola a passos lentos e a conseqüências rápidas, destrói sistemàticamente tudo o que a Humanidade nos tem legado. E, assim, as gerações futuras terão para viver um mundo, que é um montão de ruínas, sem belezas para admirar, amar e sentir.

E a Arte, a glória da Humanidade e o mais rico tesouro dum país, ficará para além dessas ruínas, numa escuridão profunda, donde sairá um dia, tão deformada, tão diferente, tão estranha e extravagante, que, se nós ainda existirmos, não a compreenderemos, a retina ainda cheia daquelas admiráveis igrejas góticas, monumentos que nos deram emoções que nunca esquecem.

Um abraço da

Zèmi

As pousadas regionais

Tem-se dito e redito que um dos principais problemas do turismo é o dos hoteis. Não basta, porém, enunciar o problema: há que procurar resolvê-lo. Tem sido essa a preocupação do S. P. N., desde que para êle transitaram os serviços do turismo. Assim, vem-se procedendo, com regularidade, à visita dos hoteis por brigadas técnicas. Arranjou-se, em Obidos, a graciosa Estalagem do Lidador, modêlo de bom gôsto. E está-se dotando o país com numerosas pousadas, hoteis-miniaturas que, pelas suas características, se integrem no espírito da paìsagem. E' que Portugal, sendo um país de dois palmos e de mil belezas naturais, não comporta, de uma maneira geral, os grandes hoteis, *Palaces* monstruosos com centenas de quartos que ficariam, na maior parte das vezes, desabitados. Há, sim, que o povoar, de lés a lés, de pequenos edifícios acolhedores, onde os forasteiros encontrem alojamento e comida. Assim o entendeu o Ministério das Obras Públicas acrescenta mais uma obra valiosa à sua actividade notável, ao dotar o país de esplêndidas pousadas regionais, construídas em obediência ao programa do Duplo Centenário. Um diploma agora publicado dispõe que êsses edifícios sejam entregues ao S. P. N., e fixa o seu regime de exploração, adjudicada em concurso público ou limitado ou por ajuste directo em regime de concessão temporária, de acôrdo com as bases estabelecidas por aquêle organismo.

Portugal vai ter assim, em breve, o seu mapa turístico assinalado com as bandeirinhas festivas das suas pousadas.

A nossa bandeira

O Século inseriu a seguinte local:

As comemorações do centenário da India popularizaram a bandeira dos descobrimentos; as do Duplo Pentenário deram uma autêntica lição sôbre bandeiras que foram de Portugal — a branca esquartelada a azul de D. Afonso Henriques, a vermelha e branca do grande rei D. João I, a branca com escudo vermelho do monarca Venturoso, etc. Essas insígnias ornaram mastros nas ruas e nas janelas, e ganharam o coração do povo que as admirava, comovido, pelo que nelas havia ainda de simbólico. Essas bandeiras falavam de investidas em terras de mouros, de sangrentos combates para se marcarem, para sempre, os limites da Pátria, de navegações em caravelas, naus e galeões por esses inexplorados mares de trevas lendárias, de sacrifícios heróicos do povo e dos fidalgos, como, àmanhã, a bandeira verde-rubra que é, hoje, a de Portugal, recordará os sofrimentos que a nossa geração de resgate tem suportado com o sorriso que lhe dá a confiança de que o seu esfôrço não será inútil. Esta—repetimos — é hoje a bandeira de Portugal. Quer dizer: terminada a celebração do Duplo Centenário, é com esta que se assinalam as horas festivas, é a esta que se ampara o nosso patriotismo.

Quando da manifestação nacional ao sr. Presidente do Conselho, em várias janelas apareceram bandeiras da Fundação, talvez porque os moradores não tivessem as do Portugal dos nossos dias, e procurassem, assim, manifestar o seu júbilo. Pensemos, porém, que a bandeira que recordará a obra do sr. dr. Oliveira Salazar aos portugueses que nos sucederem, não será a branca esquartelada a azul que flutuou nas enegrecidas muralhas de Guimarãis, há oito séculos, mas a verde-rubra com que se afundou o *Augusto de Castilho*, que guiou as tropas portuguesas na ocupação do Sul de Angola, que esteve na Flandres, que tremulou nos navios que conduziram o sr. general Carmona às longínquas colónias de Africa, a mesma bandeira verde-rubra que tremulava, no dia 28 do passado mês, nas janelas do Ministério das Finanças, quando o sr. Presidente do Conselho recebia as aclamações do povo.

Estamos de acôrdo.

E' preciso que cada bandeira desempenhe a sua função histórica. Bandeira Nacional, neste momento, é a verde-rubra. E como tal a devemos considerar e respeitar.

E' mesmo assim. Só resta que todos o compreendam e se curvem à evidência dos factos.

A MORALIDADE NAS PRAIAS

Do relatório que antecede o articulado, explicando as instruções do legislador sôbre o problema dos fatos de banho:

Nos termos da Constituïção pertence ao Estado zelar pela moralidade pública e tomar todas as providências no sentido de evitar a corrupção dos costumes. Factos ocorridos na última época balnear mostraram a necessidade de se estabelecerem, com a precisão possível, as normas adequadas à salvaguarda daquele minímo de condições de decência que as concepções morais e estéticas dos povos civilizados ainda, felizmente, não dispensam.

O legislador diz mais. Mas o que aí fica é bastante elucidativo.

Visitai o Parque da Cidade

IMPRENSA

Arquivo do Distrito de Aveiro

Com o n.º 25 entrou em novo ano esta revista trimestral, que abre com uma conferência elucidativa do salvamento da *Nau Portugal* pelo sr. engenheiro Sá Nogueira, a quem foi confiada essa missão. E' muito interessante, tendo ainda a valorizar o trabalho várias provas fotográficas obtidas a quando do bota-abaixo e do desastre.

Felicitamos os fundadores do *Arquivo*, nomeadamente o sr. dr. Ferreira Neves, pela dedicação que lhe consagram.

FÁTIMA

Por Aveiro passaram, esta semana, em direcção e regresso de Fátima, bastantes automóveis e camionetes do norte, com peregrinos, mas, talvez, os primeiros, em menor número que nos anos anteriores.

A carestia da gasolina deve ter influido na diferença.

PORQUE NÃO SE CONCLUE?

Há um melhoramento, entre outros, principiado há anos, que não pode continuar como está. Referimo-nos à pergola do Jardim que, nesta época, com roseiras a trepar pelos pilares, seria dum lindo efeito.

Impõe-se, por isso, o seu acabamento.

16 DE MAIO

Passou despecebida esta data histórica, em que Aveiro revelou os seus sentimentos liberais, revoltando-se contra o domínio de D. Miguel no ano de 1828.

Com o tempo tudo esquece.

Julgamento dum advogado

No Tribunal da Boa Hora, em Lisboa, efectuou-se, na terça-feira, o julgamento, à revelia, do dr. Mário Monteiro, ausente do país, arguido de ter recebido para despesas judiciais, que não existiam, do sr. João Gonçalves Rodrigues, a quem prestava serviços forenses, a quantia de 64.462$00.

Provado o crime, o réu foi condenado a 3 anos de prisão maior celular, na alternativa de 4 e meio de degredo, 4 mêses de multa a 2$00 por dia, 1000$00 de imposto de justiça e 70.000$00 de indemnização ao queixoso.

Este sr. dr. Mário Monteiro... Será o mesmo que passou pela Universidade de Coimbra há 40 anos e que começava a ter *nomeada*, como o demonstram os seguintes versos?

Fui ontem ás iscas
Ao Julião,
Bebi dois copos,
Comi um pão.
Nisto aparece
O Mário Monteiro,
Poeta novo, *pantomineiro*...
Etc., etc., etc.

Se calhar, é...

Dr. Artur Leitão

Morreu na quarta-feira em Coimbra, donde era natural. Republicano desde estudante, foi também jornalista vigoroso e revolucionário destemido. Era uma figura insinuante, simpática, quando novo. A última vez que o vimos, porém, quási não o reconhecemos, tal a transformação da sua fisionomia. Envelhecera muito e não contava mais de 67 anos.

Os nossos pêsames à família enlutada.

Orquestra Grétys

Esteve nesta cidade, onde deu alguns concêrtos, o apreciado conjunto musical composto de elementos de certo valor.

Foi, por isso, muito aplaudido.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

A crise actual

Dum artigo do dr. Mário Gonçalves Viana:

E' preciso acentuar que o mundo, felizmente ou infelizmente, padece de fartura: está cheio de *imensos talentos*, daqueles *imensos talentos* que Eça de Queiroz simbolizou no famoso Pacheco. Cada vez surgem mais vocações para chefes, para grandes homens, para génios, para sábios!...

Mas, em compensação, ninguém possue vocação para as profissões humildes, para os ofícios modestos, para as vidas e existências heròicamente obscuras. Eis a grande crise da actualidade.

Super-abundância de talentos e falta de... pessoas sem talento!

Há, realmente, *super homens* em barda. O mundo abarrota. E a humanidade *arrota, que é serviço* — na frase consagrada do Crispim...

RÉCITA

Os alunos da Escola Industrial preparam um espectácuto para o fim do mês, estando os ensáios adiantados.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria de Lourdes de Carvalho Vilaça, filha do sr. Domingos Vilaça, e os nossos amigos Alexandre dos Prazeres Rodrigues e Agostinho da Costa Rafeiro, residente em Caia (Africa Oriental); àmanhã, as sr.as D. Felicidade Cândida Ferreira, D. Adelaide da Costa Crespo, residente na Batalha, e D. Amélia Deniz Freire, esposa do sr. António Nunes Freire, comerciante no Congo Belga; no dia 19, a sr.ª D. Luisa da Cruz Duarte Silva, esposa do sr. dr. Jaime Duarte Silva, distinto advogado na cômarca; em 20, a sr.ª D. Maria Julia Lopes, esposa do nosso velho amigo José de Sousa Lopes, residente na capital, e o sr. Antero Alves da Cunha, 1.º sargento de Infantaria 13 (Vila Real); em 22, a gentil tricaninha Maria Augusta Amaral e em 23, o sr. António de Brito, farmacêutico em Valadares, e o filho Zacarias, do sr. Francisco dos Santos Silva, ausente no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil).

Partidas e Chegadas

Com pouca demora esteve, domingo, em Aveiro, o nosso conterrâneo e amigo dr. Ernesto Vidal, médico no Porto, a quem nos foi grato abraçar.

—Também estiveram nesta cidade os srs. dr. José Maria da Silva, professor do Liceu Alexandre Herculano, do Porto; Viriato de Azevedo, de Eixo; tenente Francisco A. Wenceslau, de Chaves, e José Robalo (filho), empregado dos escritórios da C. P. no Entrocamento.

—Partiu na quarta-feira para a Quinta do Sobral, em Pessegueiro do Vouga, onde passará alguns meses, o sr. José António Pereira de Macedo Vasconcelos, distinto funcionário de Finanças, aposentado

Doentes

Tendo entrado em convalescença, já sai à rua o nosso amigo João Mota, o que muito folgamos.

Os selos postais

Ocidente insurge-se contra as últimas emissões de selos por causa do seu enorme tamanho não permitir colá-los fàcilmente nos cartões postais ou nos sobrescritos.

Tem razão. Neste tempo de carestia de papel impõe-se que as franquias do correio acompanhem a economia, apresentando-se mais pequenas. Sem deixar de ter beleza.

Agradecimento

Henrique dos Santos Rato, restabelecido da doença que o acometeu e na impossibilidade de individualmente agradecer a todas as pessoas que durante aquele periodo de tempo se interessaram pelo seu estado, fá-lo por êste meio, manifestando-lhes o seu reconhecimento e a sua gratidão.

Aveiro, 15 de Maio de 1941.

Secção Desportiva

Basket-ball

No Campo do Parque realizaram-se os dois anunciados encontros para disputa da *Taça Júlio Cardoso*, apurando-se os seguintes resultados:

Galitos B, 25—R. Egueirense, 18

Nesta partida, arbitrada por Artur Fino, alinharam: pelos *Galitos B*, Duarte, Licinio (6), Azevedo II (4), A. Silva (4), Barreto (9), Ferreira (2), Arroja, Oliveira e Dionísio; e pelo *Esgueirense*, Anselmo, Gonçalves, Ferreira (7), Monteiro (4), Quim (4), Belmiro (3), Ferdinand e Sanches.

Galitos A, 21—E. Comercial, 18

Os grupos que se degladiaram foram assim constituidos: *Galitos A*, Sousa (6), Baldomero (3), Trindade (4), Fino (2), Porfirio e José de Matos (6); e *E. Comercial*, M. Matos (2), Biaia (2), Balacó (2), Arroja (5), Teles (2), Pinheiro (2), Melo (3) e Rato.

Arbitrou Adriano Pires.

* * *

Amanhã jogam: às 15 horas, *E. Comercial A* e *R. M. Esgueirense*, e às 16, *E. Comercial B* e *Galitos A*.

A.

Necrologia

No Alboi finou-se na noite de domingo, Maria das Dores dos Santos Freire Sobreiro, a quem um sofrimento no fígado vinha torturando a existência.

Contava 53 anos de idade, era casada com o sr. José Marques Sobreiro e deixa três filhos: a sr.ª D. Maria Regina Sobreiro Murilhas e os srs. Júlio Sobreiro, arquitecto, e Telmo Sobreiro, empregado da Alfandega.

No seu entêrro, realizado segunda-feira de tarde para o cemitério central, incorporaram-se numerosas pessoas, representantes das agremiações locais e as duas companhias de bombeiros da cidade, que ladeavam o féretro. Este foi conduzido no auto dos Bombeiros Voluntários e coberto com as bandeiras da corporação e do *Recreio Artístico*, e da chave foi portador o sr. engenheiro Mateus de Lima, adjunto da Junta Autónoma da Ria e Barra.

A tôda a família, e em especial ao viuvo e filhos, as nossas condolências.

Correspondências

Esgueira, 14

Com 86 anos deixou de existir, no fim da última semana, a sr.ª D. Antónia da Rocha Colmieiro de Moura Coutinho de Almeida Eça, viuva do antigo reitor do liceu dessa cidade sr. dr. Alvaro de Moura, de saudosa memória.

A extinta era mãi da sr.ª D. Zulmira de Almeida Eça Regala, esposa do sr. Laurélio Regala, e dos srs. dr. Manuel Maria de Almeida Eça e Fernando de Almeida Eça, todos aqui residentes.

O seu cadáver foi sepultado no jazigo que a família possui no nosso cemitério, tendo-se incorporado no enterro numerosas pessoas e nomeadamente o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, portador da chave da urna.

Aos doridos apresentamos condolências.

—Faz àmanhã anos o nosso amigo Raul Sanches, que festejará a data oferecendo uma ceia aos seus mais intimos.

Gratos pelo convite.

—Os nossos lavradores mostram-se satisfeitos com êstes dias de rutilante sol, aproveitando-os para tratarem da agricultura.

Oxalá que a Providência a todos ajude.

C.

Costa do Valado, 15

Veio de Lisboa para a sua casa da Gandra, a viuva do nosso malogrado conterrâneo, José Rodrigues Ferreira.

—Tem passado bastante doente o sr. Manuel dos Santos Vendeiro.

—Estão a reclamar concerto imediato a estrada da Granja, a das Paradas e a travessa que desta vem desembocar defronte da Farmácia Ribeiro.

Mas quando será isso?

C.

Quintans, 15

Só agora tivemos conhecimento de haver falecido em Lisboa o sr. Fernando Lagarto, que, como factor na nossa estação, aqui residiu alguns anos.

Era ainda novo, deixando viuva e filhos talvez em precárias circunstâncias devido à sua falta de orientação.

Que descance em paz.

C.

Oliveirinha, 15

No nosso salão recreativo, transformado em cinema, passou no domingo, o filme de grande categoria, *As Pupilas do Senhor Reitor*, que foi muito apreciado por quantos assistiram à sessão.

—Faleceu, no domingo, Tereza Diniz Ferreira, viuva de António Marques Rebelo.

Contava 69 anos de idade.

C.

Bonsucesso, 15

Chegou finalmente a Primavera! Pelos campos fora já cantam os grilos e à noite cortam o espaço aqueles pequeninos insectos voadores chamados pirilampos.

A natureza apresenta-se por isso alegre e com outros atractivos.

—Trabalha-se com certo entusiasmo para a criação, na sede da freguesia—Aradas—duma Casa do Povo, estando empenhado nesse melhoramento o sr. dr. Carlos Pericão.

—Faz anos, na próxima terça-feira, a encantadora Maria Eduarda, filhinha da sr.ª D. Maria Estudante da Silva e de seu marido o sr. Elmano Cordeiro da Silva, factor dos caminhos de ferro nessa cidade.

Parabéns.

C.

Quarto mobilado

Aluga-se, com pensão, em casa particular. Rua da Sé, n.º 35.

Venda de móveis e objectos vários

Para conhecimento do público se anuncia que o Conselho Administrativo do Liceu desta cidade está superiormente autorizado a vender, «mão a mão» todos os móveis e objectos inúteis para os serviços (estrados de pinho, portas, carteiras, mesas, caixilhos velhos, etc, etc), bem como quantidade apreciável de frascos de tinta, vazios, — tudo existente numa das arrecadações do Liceu. Quem pretender qualquer ou quaisquer dêstes objectos deve dirigir-se à Reitoria.

Automóvel

Vende-se marca *Rugby*, de 4 lugares em bom estado. Tratar com Eduardo Coelho da Silva, Rua Direita, 12 (Tel. 13).

Compra-se

um bote pequeno para vela e remo; e **vendem-se**: uma caçadeira nova com vela e remos e uma máquina de escrever *Remington* em perfeito estado e último modêlo.

Falar na Rua da Fábrica, 9 e ver das 18 às 19 horas.

ESPINGARDA

Vende-se, calibre 12, quási nova. Falar no L. de S. Braz, 6.

AGRADECIMENTO

António Dias Moreira e familia, manifestam, por esta forma, a sua gratidão às pessoas que acompanharam à última morada seu filho Agostinho Dias Moreira.

Aveiro, 15 de Maio de 1941.

Comarca de Aveiro

—x—

Editos de 20 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito na 2.ª Vara da Comarca de Aveiro—primeira secção—e nos autos d'acção d'arbitramento em que são requerentes Pedro Gonçalves e esposa D. Maria José Lopes d'Almeida Gonçalves, proprietário desta cidade e requeridos os filhos menores de Elias Simões Instrumento e mulher, Maria Manuela, Maria Alexandrina, Carlos Alberto, Vasco Manuel e Ernesto Afonso, Jaime Duarte Silva e esposa, êle advogado e ela doméstica, todos êstes também d'esta cidade, Francisco Gonçalves Novo e mulher, da Presa, freguesia da Vera-Cruz, desta mesma cidade, Maria de Jesus da Costa, viuva, doméstica, do Furadouro, comarca d'Ovar, Ana de Jesus da Costa e marido, da Curia, comarca d'Anadia, Tereza Gonçalves, Maria da Conceição Gonçalves e Maria Gonçalves, viuva e filhos de Casimiro Gonçalves, domésticas, da Azurva, desta comarca, e Carlos Luís Gonçalves, filho de Luís Gonçalves, residente em parte incerta, correm éditos de 20 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anuncio, citando os credores desconhecidos, para dentro do praso de 10 dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos na mencionada acção d'arbitramento.

Aveiro, 6 de Maio de 1941.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara
A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção
António Augusto dos Santos Vitor

Comarca de Aveiro

—o—

Editos de 15 dias

1.ª publicação

Pelo Juizo de Direito da 1.ª Vara da comarca de Aveiro, 1.ª Secção, corre seus termos um processo de falência, em que foi declarado falido Manuel Ferreira Duarte, casado, comerciante, do Bonsucesso, tendo sido nomeado administrador da massa falida Armando Madail Ferreira, casado, guarda-livros, desta cidade. E no mesmo correm éditos de 15 dias, a contar da 1.ª publicação dêste anuncio, para dentro dêste prazo os crédores do falido reclamarem a verificação dos seus créditos e alegarem o que entenderem acêrca da data da falência, devendo comprovar em devida forma, a existência, natureza e circunstâncias dos seus créditos, juntando logo os documentos e rol de testemunhas e indicando quaisquer outros documentos de prova que pretendam produzir.

Aveiro, 10 de Maio de 1941.

Verifiquei:

O Juiz de Direito da 1.ª Vara
Perestrelo Botelheiro

O Chefe da 1.ª Secção,
Julio Homem de Carvalho Cristo.